

O DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE O AUTISMO: MOVIMENTOS DO SUJEITO DENTRO, DO LADO DE FORA

Cynara Maria Andrade Telles

Lucília Maria Sousa Romão

Nádea Regina Gaspar

“O buraco do espelho está fechado/ Agora eu tenho que ficar, agora/ Fui pelo abandono abandonado/ Aqui dentro do lado de fora”. Arnaldo Antunes

A partir da análise de muitas vozes a falarem sobre alguns sujeitos com um posicionamento subjetivo extremamente peculiar, pretendemos neste trabalho analisar, fundamentados na teoria da Análise do Discurso, algumas vozes que, na materialidade da língua, falam sobre o autismo. Ao penetrarmos nesse campo de saber(es) (nem sendo necessário penetrarmos tanto assim) já constatamos furos e controvérsias que marcam este polêmico assunto. Podemos apontar, por exemplo, que o discurso científico num grande esforço em definir critérios que “garantam” o “enquadramento” do sujeito autista em seu diagnóstico, faz a ressalva que o mesmo só pode ser feito em termos clínicos, isto evidenciando, o atravessamento da subjetividade do sujeito “dono” de um saber científico, e a impossibilidade de, através de algo material, como um exame genético, se confirmar uma hipótese. Outro furo diz respeito às peculiaridades desses dizeres sobre os familiares dos autistas, posicionados a princípio no discurso científico como pais frios, distantes e de inteligência prodigiosa. Atualmente essas idéias são recusadas, mas ainda hoje fazem ecos nos dizeres sobre o autismo e sobre seus familiares. Portanto, apontamos para um campo discursivo, onde várias vozes do saber se colocam, tentando amarrar,

critérios, sistematizar algo da ordem do impossível de se realizar, especialmente com sujeitos que marcam sua existência pela recusa; recusa em olhar, em escutar, em tocar, em aprender, em mudar, em discursivizar, enfim, em participar do processo sócio-histórico dos homens, em se articular ao universo simbólico. É assim que as Ciências da Natureza (com universos discursivos logicamente estabilizados) reconhecem essas excêntricas criaturas.

A Análise do Discurso, em contrapartida, marca seu lugar na ciência, como uma teoria que, apoiada na materialidade da língua, trabalha na análise de um dizer do passado que, articulado a um processo histórico dado, provoca efeitos de sentido, marcados por cortes, deslizamentos, repetições em movimento, ditos marcados, ditos silenciados. A AD, denominada uma disciplina de interpretação, trabalha num vaivém de um já-dito, com sentidos já legitimados antes e em algum lugar, e a possibilidade para a abertura de novos sentidos, por meio da deriva, da paráfrase, da metáfora, bem como de outros recursos lingüísticos, materializados no discurso do sujeito. No presente trabalho, utilizaremos o material de um site da Internet de informações sobre o autismo. Também utilizaremos uma entrevista jornalística com uma profissional americana de sucesso que na infância teve o diagnóstico de autismo. Pretendemos com isso, apontar a heterogeneidade de vozes dos sujeitos em questão: autista, jornalista, cientista.

Concepção de sujeito na Análise do Discurso

“O escuro escuro escuro. Todos mergulham no escuro, Nos vazios espaços interestelares, no vazio que o vazio inunda” -T. S. Eliot

Em AD, o conceito de discurso (Pêcheux, 1993) segue no sentido da busca de novas marcas de ressignificação do dito e repetido antes pelo sujeito, este, concebido como faltoso, errante, marcado por um caráter subjetivo, que circula por várias posições discursivas, a partir de inúmeras vozes por ele representadas, repetidas e ressignificadas, não ocupando, assim, um lugar fixo, nem transparente, mas afetado permanentemente pela heterogeneidade e pelo movimento. Pertencente a uma dada realidade, é o homem, posicionado

enquanto sujeito, portanto, articulado ao universo simbólico da linguagem, que a significa e representa. Um dos pressupostos da AD é que discurso, sujeito e ideologia estão necessariamente articulados e interdependentes. Portanto, ao falarmos em sujeito, temos que pensar sua existência representada na materialidade da língua, no discurso afetado pela ideologia. Pêcheux (1995), afirma que “o ‘não-sujeito’ é interpelado-constituído pela Ideologia”. A ideologia, por sua vez, é um mecanismo de naturalização de sentidos que nunca se completa, não sendo, portanto, um conceito rigidamente fechado e estável, e sim marcado pela contradição, pela tensão, pela disputa, pelo movimento, pela luta de classes.

Outro conceito fundamental referente ao sujeito, diz respeito aos dois esquecimentos, conforme propostos por Pêcheux (1995). O esquecimento número 1, também denominado esquecimento ideológico, é um esquecimento estrutural responsável pela constituição do sujeito (do inconsciente), ao qual está submetido e que lhe permite tornar-se um sujeito falante, independente de suas identificações sociais e posições discursivas. O esquecimento número 2, por sua vez, é da ordem da enunciação, diz respeito ao fato de “escolhermos” dizer algo de determinada maneira, em lugar de outra. Ele cria a ilusão de uma naturalidade entre palavra e coisa e da linearidade do discurso, marcando que só existe um modo de dizer sobre o objeto. Essa ilusão sustenta o que seria uma correspondência termo a termo entre as palavras e as coisas, tornando certa apenas a existência de um sentido e a inexistência de outros. No entanto, por ser semi-consciente, remete aos fatos históricos, à paráfrase (matriz dos sentidos pré-existentes). Ele encobre o fato de que o sujeito do discurso é efeito da formação discursiva que o domina. Enlaçado por esses dois esquecimentos (ou duas ilusões), o sujeito enuncia como se suas palavras fossem a prova fiel do seu pensamento, esquecendo-se que ele é sujeito porque a ideologia o captura em um lugar de autoridade (ou de submissão), tomando-o de assalto e destinando-o a um lugar em que alguns sentidos parecem óbvios e transparentes, e não outros. PÊCHEUX (1995, p.133-134) articula recalcado inconsciente, formulação teórica da psicanálise, e assujeitamento ideológico dizendo que:

“ambos estão materialmente ligados no interior do que poderia se designar como o processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realizam as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção.”

Ao falar de recalque inconsciente, Pêuchex se refere ao que a teoria da psicanálise de leitura lacaniana propõe sobre o sujeito quanto à garantia de sua existência pelo submetimento ao Outro (sempre completo e absoluto), à lei da castração para a efetivação de sua entrada no universo simbólico da linguagem. Ou seja, tanto o recalque imaginário, quanto o assujeitamento ideológico, caracterizam a existência de um sujeito submetido ao universo da linguagem marcado por formações discursivas, com falas que o afetam e o posicionam num determinado contexto sócio-histórico, com discursos que se articulam, mas que também se contrapõem, que se repetem mas que também se renovam, posições discursivas que dão a palavra, ou que calam a palavra. Por ideologia e assujeitamento entendemos o processo que naturaliza sentidos para o sujeito a partir da posição que ele ocupa, ou seja, aquele mecanismo que faz parecer óbvio que se diga de um modo e não de outro, assim, as palavras não são entendidas como partículas neutras, mas como marcas discursivas afetadas permanentemente pela ideologia, o que faz funcionar tanto no discurso jornalístico, quanto no científico, relações com o poder.

Diante do exposto até o momento, podemos apontar outro conceito formulado por Pêuchex (1995) que é a forma-sujeito do discurso entendida como sendo o sujeito do discurso, um efeito, um resultado, e não um ponto de partida de um processo discursivo. É pela forma-sujeito que o sujeito se inscreve numa determinada formação discursiva, por um processo de identificação, aonde redes de filiações vão se estabelecendo num movimento entre presente e passado, unido a movimentos de um sujeito com outros sujeitos. A identificação remete ao imaginário, campo da linguagem que se presentifica quando o outro reconhece o sujeito, na exterioridade discursiva, com um já-lá que estabiliza sentidos, estabelece a condição do dizível e permite a entrada na rede social, no universo languageiro. Mas a entrada na linguagem se faz com a

marca de uma falta, a qual possibilita o deslocamento, o movimento. Com a falta, advém o desejo, que sempre escapa. Se não há falta, não há o que se desejar (dizer).

O discurso do sujeito mergulhado no universo simbólico da linguagem, é marcado por um dizer isso em detrimento de não-dizer tantos outros, garantia de que se possa falar e ser “entendido”, ou ao menos interpretado, a partir da posição ocupada por quem fala e por quem escuta. Contrariando a garantia de estabilidade do dizer na língua, o real se apresenta sempre de forma imprevista, por inesperados, atos-falhos, pelo que é incontrolável ao sujeito concebido pela falta no universo da linguagem, articulado a uma cadeia significante que o faz advir, mas também se perder. O real aponta para a impossibilidade de completude, de fazer um. No discurso, é aquele que faz furo, que inverte a posição do sujeito de lugar de domínio para lugar de dominado, de afetado pelo discurso outro. O real também marca a impossibilidade de simbolização, pois há sempre um resto não simbolizável e é por isso que ele irrompe, à revelia da vontade do sujeito. Num dado processo histórico, onde a língua se materializa, o real faz furo e clama por sentido.

Temos, portanto, de um lado sujeito, de outro, qualquer Outro representado pelas instituições (familiares, governamentais, jornalísticas, científicas...), instância de poder, que costura os espaços públicos, determina lugares, ordena a relação entre os homens (KEHL, 2004, p.150). Na construção de um processo sócio-histórico, estabelece-se uma rede de memórias resultante de um sempre tenso campo de interpretações de fatos e acontecimentos onde algumas interpretações são salientadas e valorizadas e outras são desconsideradas, rechaçadas ou esquecidas. Este processo resulta de uma construção imaginária colocada interdiscursivamente numa rede de memórias dando a ilusão ao sujeito de que ele é fonte de seu saber e de seu dizer. A memória em termos discursivos é marcada por conflitos que se manifestam ao longo da história no processo de significação da linguagem. Pêcheux (1999, p.56) afirma que uma “memória é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas de conflitos de regularização(...)”.

O sujeito (do inconsciente) assume sua posição, quando convocado pela ideologia a ocupar esse lugar, que se caracteriza por uma posição transversal e

dispersa Com campos de opacidade que o fazem percorrer territórios obscuros, preso a uma rede de memórias, e inscrito em um determinado processo sócio-histórico que lhe garante um lugar, o sujeito engrendra-se no universo da linguagem, que se manifesta marcado pela instabilidade e incompletude, pelo vacilo, pela falta, e por isso, pela referência ao outro.

O discurso, o sujeito e a mídia

“Entre o desejo/ E o espasmo/ Entre a potência/ E a existência/ Entre a essência/ E a descendência/ Tomba a Sombra” - T. S. Eliot

Neste cambiante universo da linguagem, o lugar ocupado pelas instituições, denominado por Pêcheux de aparelhos ideológicos de Estado é antecedido por um longo processo sócio-histórico onde alguns sentidos do discurso são formalizados/valorizados de acordo com as práticas sociais vigentes. A AD não concebe a possibilidade de que todos os aparelhos ideológicos de Estado, todas as instituições se empenhem de forma regular e equilibrada para a transmissão e transformação das relações de produção. Portanto, a instituição, aqui representada pelo discurso jornalístico determina e legitima práticas discursivas definindo rotas de sentidos e normas de agir. Referindo-se ao trabalho interpretativo do discurso realizado pela AD PÊCHEUX (2002, p.54) coloca:

“É porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes”.

MARIANI (1998) considera o discurso jornalístico, um discurso sobre, concebido como uma posição de sujeito separado de seu objeto do discurso e que visa um distanciamento entre sujeito e informação, caracterizada pela linearidade e homogeneidade da memória como se o fato ocorrido e relatado não sofresse efeitos de sentido para quem transmite a notícia e para quem a recebe, como se não passasse por um processo de interpretação dos fatos.

O discurso jornalístico insiste em ocupar um lugar discursivo de imparcialidade, de não interferência na realidade, de neutralidade na transmissão dos fatos, como se o fato ocorrido e relatado não sofresse efeitos de sentido para quem transmite a notícia e para quem a recebe, como se não passasse por um processo de interpretação dos fatos. Souza (2005, p.2) falando acerca do texto jornalístico afirma ser ele “uma possibilidade de construção de imagens simbólicas que permitem a produção de relações de sentido entre os variados discursos que vão sendo combinados nos enunciados que constituem o acontecimento”. Isto, portanto, refuta a pretensão de neutralidade do discurso jornalístico, que é na verdade uma poderosa voz de autoridade que, em busca da notícia, do fato, da informação, escuta, recorta, interpreta e transmite inúmeros discursos outros, como por exemplo, o científico e o do estado.

O discurso jornalístico representa uma grande voz que exerce o poder nos sujeitos de apagar seu julgamento moral, a subjetividade de seu desejo, convocando-os a atenderem o apelo do mercado capitalista: produzam! consumam! Vale lembrar que são inúmeras as alternativas de consumo, indo de uma compra impulsiva até o consumo ávido de informações e conhecimento, com um detalhe incômodo: consumir sem pensar, apenas digerir, identificando-se a uma massa solitária e indiferenciada. Mas para participar dessa máquina de consumo é necessário que esses sujeitos produzam, criando um vertiginoso círculo vicioso de produção e consumo, resultando em sujeitos-máquinas que se alienam à segurança de pertencimento. Em lugar da capacidade de discernimento, julgamento, senso crítico-moral, desejo subjetivo, fica o ato (impensado), apagando o sujeito. Prega o discurso midiático que pessoas felizes são aquelas realizadas profissionalmente, bons pais de família, belas esposas, com belíssimos bens de consumo. E caso as coisas não caminhem conforme o esperado, esse representante de tantos discursos, apresentará/buscará respostas alternativas para a melhor adaptação possível desses sujeitos.

Diante dessa poderosa voz de autoridade, o sujeito se identifica imaginariamente ao Outro e nele se perde. A relação imaginária cria com isso, um campo de fixidez e rivalidade, não dando espaço para a circulação do simbólico, onde o sujeito poderia circular entre sua imagem e a do Outro, entre seu desejo e a oferta sedutora de gozo. KEHL (2004, p.98) realiza uma importante articulação quanto ao colamento imaginário do sujeito ao Outro.

“(…). O Outro onipresente representa uma rivalidade, uma ameaça, porque é ameaçador que alguém saiba de nós antes de nós, antes que tenhamos possibilidade de criar alguma consistência subjetiva através da experiência com o real, dos tropeços e cabeçadas que o real nos faz dar (...). Dispensados da necessidade de pensar e simbolizar, dispensados do trabalho psíquico que nos constitui como sujeitos do desejo, ficamos perigosamente ancorados no eu imaginário e submetidos à violência própria das formações imaginárias.”

O relato jornalístico carrega estas marcas, pois na pretensão de relatar os fatos de maneira neutra e homogênea, apaga a possibilidade de um posicionamento parcial do sujeito e assume a partir desse lugar, a voz de um líder, destituindo o sujeito de um senso crítico, fazendo-o tomar/ engolir os fatos e informações como verdades absolutas e imparciais. O discurso jornalístico, ocupando no universo discursivo o papel de transmitir informações, fatos, relatos, apropria-se de várias vozes, como a do discurso científico e médico, assumindo não apenas um lugar de saber sobre diagnósticos, doenças, tratamentos, fazendo circular dizeres de suposta autoridade, dizeres que tentam estabilizar um saber.

Os dizeres sobre o autismo

“O coração da gente, escuro, escuros”- Guimarães Rosa

Realizaremos primeiramente a análise interpretativa do discurso do site autistas.org que apresenta as características dessa patologia; salientamos que existem vários sites informativos a este respeito que definem, criterizam, caracterizam essa dita patologia de forma muito semelhante à apresentada aqui. A semelhança se dá por tomarem emprestado do discurso médico que criteriza diagnósticos de doenças. No primeiro material, retirado de um site na internet, que pretende “dar informações para Pais, Amigos e Familiares”, selecionamos a página denominada diagnóstico onde apresenta o “comportamento característico”, num total de 14 itens, utilizando-se de ilustrações para transmitir as informações. O recurso visual, articulado a um texto, parece pretender facilitar a informação, utilizando estratégia semelhante aos sinais de trânsito, o que nos permite interpretar um efeito de normatização daquilo que seria controlável, passível de previsibilidade na doença, marcando inclusive o comportamento tido como desejável.

Autismo

Comportamento Característico



**USA
PESSOAS
FERRAMENTAS**



**AS RESISTE
COMO MUDANÇAS
ROTINA**



**ANÃO SE MISTURA
DE COM
CRIANÇAS**



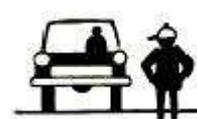
**NÃO
OUTRAS APROPRIADO A
OBJETOS**



**NÃO
CONTATO
VISUAL**



**AGE COMO SERESISTE
FOSSE SURDO APRENDIZADO**



**AO NÃO
DEMONSTRA**

MEDO DE PERIGOS



RISOS
MOVIMENTOS
NÃO
APROPRIADOS

E RESISTE
CONTATO
FÍSICO

AO ACENTUADA
HIPERATIVIDADE
FÍSICA

GIRA OBJETOS
DE MANEIRA
BIZARRA E
PECULIAR



AS VEZES
AGRESSIVO
DESTRUTIVO

MODO É
COMPORTAMENTO
E INDIFERENTE E
ARREDIO

Observamos aqui a migração de vozes de saber do discurso científico, especialmente do diagnóstico médico, representado e deslocado para o dizer da internet, o que marca o deslocamento de sentidos vindos de outro lugar e a emergência de algo que ilusoriamente brota ali no site. Destacamos que se inscreve aqui uma pretensa objetividade na tarefa de identificar um determinado tipo de pessoa, marcar seu “comportamento característico”, generalizando as condutas e assegurando a ilusão de um controle sobre o tema autismo e o objeto autista.

“Usa as pessoas como ferramentas

Resiste a mudanças de rotina

Não se mistura a outras crianças

Apego **não** apropriado a objetos

Não mantém contato visual

Age como se fosse surdo

Resiste ao aprendizado

Não demonstra medo de perigos

Risos e movimentos **não** apropriados

Resiste ao contato físico

Acentuada hiperatividade física

Gira objetos de maneira bizarra”

As marcas lingüísticas negritadas por nós acima instalam efeitos de negatividade, pois há vários “não” regularizando o que deve ser evitado e alguns verbos no imperativo que implicam um roteiro a não ser questionado, mas obedecido. Dessa maneira, o discurso científico apresenta o seu saber sobre estes sujeitos, que para nós sujeitos na posição de analistas, marca um lugar imaginário de cuidado perigo diante do doente ou da doença. No item: Não se misturam com outras crianças existe um duplo sentido, uma ambigüidade na palavra misturar, que se tomada ao pé da letra, pode causar estranhamento, pois, deveriam então as crianças se misturarem? Os dois itens: às vezes é arredo e agressivo e, modos de comportamento indiferente e arredo, carregam marcas de contradição de um dizer sobre, pois, como seria alguém indiferente e ao mesmo tempo arredo ou agressivo? Ou ainda, marcado pela subjetividade, este sujeito circula em posições diferentes, ora arredo, ora indiferente, o que denota um furo, ainda que aparentemente tamponado, do discurso normatizador.

Podemos tomar este aspecto de negatividade por outro viés. Tendo como referência o discurso psicanalítico de leitura lacaniana, gostaríamos de apontar que, sabendo-se da precocidade do quadro de autismo, o simbólico funciona de maneira muitíssimo precária, onde a relação com o outro é afetada, e o discurso materializado na língua, quando se apresenta, muitas vezes se faz de forma peculiar. Nestas circunstâncias, o real ganha espaço, tornando as experiências com a realidade, com o social, com o outro, extremamente ameaçadora. Daí os gestos de não e de resistência como um anseio de eternização do mesmo, de suspensão do tempo, de recusa em participar do processo histórico como aponta SALEM (1998) ao abordar especificamente a tendência de imutabilidade. Utilizando-se dos recursos mentais dos quais dispõe, o “autista” constrói uma forma de existência adversa à esperada/normatizada. LAZNIK-PENOT (1997, p. 130), faz uma leitura psicanalítica dessas marcas como sendo “fronteiras rígidas para melhor controlar o que dele é posto em perigo pelo dinamismo e pela movimentação de um mundo cambiante”. A partir dessas marcas de significação, podemos pensar que a classificação patológica carrega o risco de um olhar

estereotipado e de fixidez, apagando a singularidade subjetiva, comprometendo a possibilidade de circulação e de movimento. Mas como o real segue fazendo furos, no final das contas o que se vê são criaturas excêntricas, marcadas por uma originalidade existencial que são “convocadas” a entrar nesse movimento de produção e consumo que marcam o tempo atual da humanidade. Talvez não seja por acaso que o autismo tenha sido uma “patologia” tão recentemente definida pelo discurso científico.

A partir de agora, analisaremos recortes de uma reportagem feita pela Folha de S.Paulo, em agosto de 1997, em que foi publicada uma entrevista com uma cientista que teve o diagnóstico de autismo ainda na infância. Seleccionamos alguns recortes da reportagem intitulada Uma excepcional, excepcional em que uma autista é apresentada como “professora universitária nos EUA, com PhD em zootecnia, e projetista de renome internacional na área de equipamentos para fazendas de gado.” Os primeiros recortes serão do jornalista responsável pela matéria, os outros serão da própria autista entrevistada pela reportagem.

“A sensação de ser “extraterrestre” descrita por Temple, vem de uma das principais – e menos conhecidas – deficiências provocadas pelo autismo: a incapacidade de entender emoções”.

Aqui, o sujeito jornalista migra para outras posições discursivas: o relato da entrevistada e o dizer sobre tomado do discurso científico. Também flagramos o efeito da naturalização de sentido materializado na expressão extraterrestre, que aqui pode ser entendido como a interpretação de uma maneira de dizer sobre algo difícil de ser explicado, vindo de outro lugar distante, outro planeta, ou seja, temos aqui algo espetacular que a reportagem “descobriu” para mostrar aos leitores, algo que rompe com a previsibilidade das vidas normais e cotidianas. Nesse sentido, a autista passa a ser falada como atração espetacular pois, ao que nos consta, nenhum extraterrestre até hoje relatou esta experiência de vida na terra. Podemos apontar o silenciamento da contradição do discurso sobre o autismo, uma vez que se contrapõe à categorização determinada pelo discurso médico. Entretanto, como veremos a seguir, o enfoque maior é dado às

marcas de sentido estabilizadas pelo discurso científico no seu dizer sobre o autismo. Seguindo na descrição o jornalista diz:

“O que aprendemos instintivamente, para eles é um mistério. Não entendem sutilezas, linguagem corporal, segundas intenções ou ironias. Uma criança autista vai se jogar embaixo da mesa se um parente comentar que “hoje vai chover canivetes”. E se a mãe fizer uma careta e disser ‘que bonito, heim!’ depois de uma travessura, ele concluirá que a mãe aprovou a brincadeira”.

O discurso jornalístico recorta sentidos estabilizados pela negativa: não entendem sutilezas, não entendem metáforas. Neste trecho o jornalista migra do discurso científico para o discurso do cotidiano, dando exemplos triviais do modo de ser do sujeito denominado autista. Acerca das emoções do sujeito autista, o jornalista relata que:

“Os autistas não entendem também paixões e tristezas. ‘Não compreendo como alguém pode sentir ciúme e amor ao mesmo tempo’ (...), disse Temple”.

O discurso jornalístico prossegue seu dizer sobre com marcas de negativas: “os autistas não entendem” Isso parece apontar a força de regularização do discurso, manifesta nesse recorte pelo dizer da própria autista. A partir do relato de um sujeito, jornalista e entrevistada afetados pelo discurso científico, a referida patologia é generalizada passando a expressar o modo de ser e de sentir de qualquer sujeito denominado autista. O movimento discursivo do jornalista vai da interpretação generalizada de uma determinada característica, para o recorte da fala de um sujeito autista em sua singularidade. Ainda se referindo aos sentimentos o jornalista discursiviza:

“É capaz apenas de entender emoções ‘simples, fortes e universais’, como as de uma criança, mas fica mais confusa com as complexas.

‘ A principal emoção de um autista é o medo, o mais primitivo dos sentimentos humanos’, disse Temple”.

A referência às emoções é tomada como um sentido único e criteriosamente classificado. Destacamos o apenas considerando-o uma marca importante, pois diminui a capacidade de entendimento do sujeito autista, colocando-o novamente na posição anterior, corpo a ser normatizado, corpo cheio de negativas e impossibilidades que, nesse discurso, consegue apenas uma coisa, entender emoções simples, o que marca a posição discursiva em que o autista é colocado pelo discurso jornalístico, mais uma vez, a partir da fala do próprio sujeito autista. Aqui, o medo é referido como um sentimento simples, forte e universal, caracterizando algo de teor subjetivo, por adjetivar de seu lugar de sujeito do discurso, o que é ter medo. Portanto, podemos apontar um furo, uma contradição no discurso jornalístico: subjetividade-universalização de sentido do sentimento medo.

“Para sobreviver, a projetista aprendeu na teoria como funcionam as emoções, mas sem necessariamente senti-las. Decorou convenções e códigos sociais. “Não leve um autista para uma happy-hour. Ele não saberá como agir e poderá entrar em pânico, explica Temple”.

Mais uma vez o discurso se regulariza marcado por negativas “sem sentir”, “não leve(ar)”, “não saber(á)”. Flagramos também aqui a marca de um discurso que faz a tentativa de decifrar os sentimentos, usando a estratégia da negação. Neste recorte o singular toma o lugar do genérico. E ainda, apontamos uma contradição, quando a projetista diz que “aprendeu na teoria como funcionam as emoções” e logo em seguida aconselha: Não leve um autista para uma happy-hour. Ele não saberá como agir e poderá entrar em pânico. O sentido faz furo, pois happy-hour aqui é algo que não pode ser entendido na teoria, segundo o relato, mas a incapacidade de agir e o pânico não são esclarecidos. Além disso, um novo sentimento é relatado – pânico - , num lapso do sujeito. Apontamos nesses recortes a marca de um discurso que faz a tentativa de

decifrar, categorizar, normatizar sentimentos, algo da ordem do singular e do subjetivo, como se todos os “normais” pudessem comparar igualmente seus sentimentos, ou identificassem sempre a emoção da qual às vezes são tomados, quando da irrupção do real. Vamos agora aos recortes do discurso da entrevistada:

“Quando era criança, meu médico não sabia o que era autismo, então fui diagnosticada como tendo danos cerebrais. Sete anos depois veio o diagnóstico correto. Mas fui para o colégio e, se não fosse pela paciência de meus pais e professores, estaria sentada em um canto, balançando meu corpo para frente e para trás até hoje”.

No discurso do sujeito, flagramos ecos do discurso da ciência, como um lugar de saber que segundo o discurso, deu a possibilidade de reconhecimento para a existência do sujeito. Em seguida aponta para o lugar ocupado na família e na escola, como de presença, de alguém que importava ao outro, apesar de todas as suas “incapacidades”. No seu dizer, o sujeito aponta a legitimação de seu lugar na história da família e no contexto social. Ela, na posição de sujeito sempre dividido, enuncia assumindo a ordem de não que circulam socialmente sobre a doença da qual é portadora, entretanto, inscreve uma ordem de sim em relação à família, especialmente seus pais. Mas na tentativa de romper com o já-dado pelo autismo, o faz assumindo o não até para fazer falar o sim.

“O autista tem que aprender todas as interações sociais pormenorizadas, como o Data, do ‘Jornada nas Estrelas’, que teve de aprender como ser humano. Precisa aprender todas as coisinhas que os outros simplesmente fazem”.

Migrando em territórios naturalizados, o sujeito estabelece um processo de identificação com o personagem de uma série de TV que era um robô. É assim que lhe é possível falar de si para o outro, numa tentativa de naturalizar

sentidos que possam ser compartilhados, entendidos, recebidos por seres que lhe parecem tão diferentes de si. Distante da concepção da forma-sujeito de existir, marca implicitamente que “as coisinhas que os outros simplesmente fazem” não precisam ser aprendidas, os “sujeitos normais” já nascem sabendo. Apontamos também marcas do discurso dominante normatizador, onde discursiviza: “tem aprender”, “precisa aprender”.

“Minhas emoções são como as de uma criança de oito anos. São simples, não tenho sentimentos complexos. Não entendo de forma alguma como uma mulher pode estar casada com um homem que bate nela, não entendo como você pode ter ciúmes e amar uma pessoa ao mesmo tempo

Ao comparar suas emoções com as de uma criança de oito anos, o sujeito fala de sua posição de subjetividade, faz um trabalho interpretativo a partir das relações que estabelece. Para este sujeito, uma criança de oito anos não tem sentimentos complexos. Aí esta mais uma marca de identificação imaginária. Quando afirma não entender como uma mulher pode estar casada com um homem que bate nela parece deixar implícito que isto seja facilmente compreensível, ou ainda, que ela, “autista” não entende, mas os outros “normais” entendem, levando a crer que seja algo fácil de entender. Ou ainda, o não entendo neste recorte pode ser interpretado como uma maneira refinada de interpretação de uma dada situação, utilizando-se talvez até de um tom irônico e jocoso para falar sobre No recorte anterior o discurso está na terceira pessoa, neste, na primeira, causando o efeito de uma apropriação de seu dizer sobre si, sem estar tão colado imaginariamente ao dizer do outro. Continuando na primeira pessoa ela diz:

“Estou preocupada com o que penso sobre determinado assunto e não o que sinto a respeito dele. Choro, me sinto triste ou brava, mas é muito mais simples. Minha vida é o meu trabalho, projetar coisas e fazer os meus desenhos”.

A maneira de estar e existir no mundo foi possível para esse sujeito através de sua capacidade intelectual. Na primeira sentença fala do que a preocupa: com o que pensa e com o que não pensa. Na segunda, a singularidade do sujeito irrompe e o vacilo aparece, voltando a falar de sentimentos. Dizendo que o que mais gosta é trabalhar e desenhar, apresenta rastros de subjetivação, pois trabalhar e desenhar são atividades da ordem do sujeito (criança) desejanste, deixando implícito que estas atividades provocam efeitos, causam sentimentos. Nosso último recorte:

“A maioria dos meus amigos são técnicos, então conversamos sobre o trabalho”.

Ancorada num discurso estabilizado, reafirma que sua posição no mundo está marcadamente referida ao trabalho. Entretanto, fazer amigos implica em fazer vínculos, em estabelecer identificações, em aceitar e reconhecer o outro, em se posicionar num lugar de instabilidade.

Considerações finais

“Entre a idéia/ E a realidade/ Entre o movimento/ E a ação/ Tomba a Sombra” - T. S. Eliot

Neste trabalho de tessitura de sentidos sobre o sujeito denominado autista pelos discursos de poder circulantes, que aqui se apresentaram nos discursos jornalístico e científico, procuramos apontar duas formas de produção discursiva: a que tenta normatizar, homogeneizar, apropriar-se de um saber com sentido único e inquestionável, e a do sujeito que mesmo afetado pelo efeito de sentidos naturalizados e repetidos em seu discurso, marca a subjetividade de sua existência, a heterogeneidade característica do discurso, a possibilidade de interpretações variadas, por mais patologizante que seja discursivizado pela

ciência. Consideramos importante assinalar a emergência do não em todos os discursos aqui analisados, marcando a regularidade do dizer sobre o autismo, colocando-o numa posição de diferença profunda, de recusa marcante, ou seja, de impossibilidades.

Segundo a teoria da AD, o discurso é movimento e nesse caso, os sentidos inscritos pela mídia não nasceram ali, mas engendraram-se ao longo de vários deslocamentos de regiões da memória discursiva e, por isso, o dizer midiático é heterogêneo, apropriando-se de inúmeras vozes para relatar fatos e acontecimentos, para transmitir notícias, informações e conhecimentos. Gostaríamos também de destacar que o sujeito do discurso é da ordem do deslize, do equívoco. No trabalho exposto o discurso do sujeito se inscreveu pelo não marcando a repetição, mas também, e sobretudo pela resistência. Em nossa atividade interpretativa tentamos nos lançar ao desafio de mergulhar no universo angustiante da linguagem, de penetrar no escuro, escuro, escuro, no vazio que o espaço inunda, acreditando que novos sentidos venham a se materializar no discurso do sujeito errante que toma a palavra, trazendo como sim o que se mostra como não.

Referências bibliográficas

Bucci, E.& Kehl, M. R.(2004) Videologias: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo.

Laznik-Penot, M. C. (1997) Rumo à Palavra. Três Crianças Autistas em Psicanálise. São Paulo: Editora Escuta.

Mariani, B. (1998) O PCB e a imprensa. Campinas: Editora da Unicamp e Editora Revan.

Pêcheux, M e Fuchs, C. 1993. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à Obra de Michel Pêcheux. 2ª ed., Campinas, Editora da UNICAMP.

Pêcheux, M. (1995) Semântica e discurso – uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp 1997.

Pêcheux, M.(1999) O papel da memória. In: Papel da memória. Campinas: Pontes Editores. (pp.49-57).

Pêcheux, M. (2002) O discurso: estrutura ou acontecimento. 3ª edição. Campinas: Pontes, 2002.

Salem, P. Relógio sem ponteiros, Um ensaio sobre Tempo e Autismo.(1998) Jornada de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Sousa, K & Inácio, E.M.(2005). Os sentidos dos acontecimentos no jogo discursivo liderado pela mídia. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Letras. Porto Alegre, 2005.